

Estrangeiridade e hospitalidade: representações sobre migrantes na mídia mato-grossense

Strangeness and hospitality: representations about migrants in the *mato-grossense* media

Flávio Roberto Gomes Benites*

RESUMO: Este texto pretende fazer uma breve abordagem acerca das representações que a mídia mato-grossense faz de migrantes sulistas no Estado a partir de dois textos: *Imigração: crescimento de 7,76% ao ano é um dos maiores do país* (publicado no Diário de Cuiabá em 08 de abril de 1975) e *Quem é o governador Blairo Maggi* (site da Secretaria de Comunicação Social, publicado em 01 de janeiro de 2007). Para tanto, vamos nos ancorar na perspectiva discursiva (especificamente sobre a memória discursiva), focalizando elementos advindos da Psicanálise (a questão do estrangeiro) e da desconstrução derridiana (a questão da hospitalidade), tendo em conta que os mesmos podem contribuir para uma problematização sobre a temática da (i)migração e os efeitos de sentidos que emerge na mídia escrita. Os resultados mostram que os sentidos produzidos nos textos analisados trazem a memória da colonização e civilização europeias e identifica os migrantes com os bandeirantes, com os desbravadores. Além disso, apresenta a hospitalidade em Mato Grosso enquanto *hospitalidade*, termo pelo qual Derrida expressa os sentimentos tanto de acolhida quanto de hostilidade aos estrangeiros, aos migrantes, portanto.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Discurso. Mídia.

ABSTRACT: This paper aims to make a brief approach about the representations that the *mato-grossense* media makes about migrants southerner in the State from two texts: “Immigration: growth increased from 7.76% for the year is one of the largest in the country” (published in the Journal of Cuiaba in April 08 of 1975) and “Who is the governor Blairo Maggi” (website of the Secretariat of Social Communication on 01 January 2007). For both, we will anchor in discursive perspective (about discursive memory), focusing on elements originated from Psychoanalysis (the issue of strangeness) and deconstruction Derridian interpretation (the issue of hospitality), taking into account that they can contribute to a problematization of the topic of (i)migration and the effects of meanings that emerge in written media. The results show that the meanings produced in the analyzed texts bring the memory of European colonization and civilization and identifies the migrants with the pioneer, with the explorer. Moreover, the texts presents the hospitality in Mato Grosso while *hospitality*, term by which Derrida expresses the feelings of welcome as much hostility to foreigners, migrants, therefore.

KEYWORDS: Migration. Discourse. Media.

1. Considerações iniciais

A ocupação das terras mato-grossenses remonta ao final do século XV, período em

* Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Professor Adjunto III do Curso de Letras, Campus Universitário de Tangará da Serra – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail frgbenites@gmail.com.

que Espanha e Portugal passaram a disputar o território americano com o Tratado de Tordesilhas, demarcando, assim, as partes que passaram a pertencer a cada país. No século XVIII, por ocasião do Tratado de Madri (1754), Portugal instalou grandes blocos de pedras esculpidos com inscrições de pertencimento territorial português. Siqueira (2002, p. 51) observa que um desses blocos foi instalado às margens do rio Jauru (MT) e, atualmente, encontra-se na praça central da cidade de Cáceres, conhecido como Marco de Jauru.

Mas, foram os bandeirantes paulistas, ávidos pelo ouro do *Novo Eldorado*, que conquistaram, não sem guerra aos nativos indígenas, o território que hoje faz parte do Estado de Mato Grosso. Já no século XX, a região teve participação no movimento *Marcha para o Oeste*, iniciado no governo de Getúlio Vargas (década de 1930) com a finalidade de integração à economia e à política nacional; a capital Cuiabá foi o centro da implementação dos chamados programas oficiais de colonização dos governos, sobretudo, na década de 1970, intensificando-se o fluxo migratório; além disso, por conta de questões estruturais, na capital era feita a triagem dos migrantes, antes de serem enviados às novas colônias agrícolas, que, por sua vez, deram início a novos municípios no Estado.

Nessas condições, o Estado de Mato Grosso (MT) passou a ser, efetivamente, preenchido por culturas externas em decorrência do fator migratório de sua ocupação. Como em toda situação de contato, podemos dizer que também as identidades em MT, tanto locais (os cuiabanos) quanto externas (os migrantes), sofreram questionamentos postos pelo jogo entre os diferentes valores que cada grupo reivindica para si, no qual estão também os conflitos das diferenças e das relações de poder, apesar de todos terem a mesma nacionalidade.

Balizados por este contexto sócio-histórico, pretendemos fazer uma breve abordagem acerca das representações que a mídia mato-grossense faz de migrantes sulistas no Estado a partir de dois textos que formam o *corpus* deste trabalho: *Imigração: crescimento de 7,76% ao ano é um dos maiores do país* (publicado no Diário de Cuiabá em 08 de abril de 1975) e *Quem é o governador Blairo Maggi* (apresentando o ex-governador no site da Secretaria de Comunicação Social do Governo de Mato Grosso, em 01 de janeiro de 2007). Tais textos foram escolhidos tendo em vista que, neles, é possível percebermos conflitos decorrentes da situação de contato entre culturas distintas, sobretudo, no que tange a questões territoriais, e que, de alguma forma, insinuam-se na linguagem.

Para tanto, adotamos a perspectiva discursiva e vamos abordar, primeiramente, a questão da memória discursiva, por considerarmos um conceito pertinente à análise de um *corpus* cujo tema é a *migração*. Posteriormente, vamos arrolar acerca de noções advindas da Psicanálise (o estrangeiro/estrangeiridade) e da desconstrução derridiana (a questão da hospitalidade), tendo em conta que os mesmos serão mobilizados na problematização da temática da (i)migração e os efeitos de sentidos que emergem na mídia escrita.

2. A memória discursiva

Iniciemos nossa discussão teórica considerando a questão da *memória*, tendo em vista que tal conceito tem fundamental importância enquanto elemento que pode fazer a relação entre os dizeres dos sujeitos mato-grossenses, voz dada pela mídia em questão, e os migrantes nela representados.

A memória da qual tratamos aqui não se refere àquela proveniente da cognição, de cunho psicológico, em que se procura estudar o comportamento humano relacionando-o com a capacidade cognitiva (como o raciocínio, por exemplo) para realizar atividades esperadas, conscientes, portanto. Do ponto de vista pecheutiano, a memória discursiva

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÉCHEUX, 1999, p. 52).

Nossa perspectiva considera uma *memória social e histórica* mediante a qual acreditamos ser possível relacionar o dizer dos sujeitos com a ideologia do grupo social ao qual se eles filiam ou, mais precisamente, identificam-se. Situando a memória na dimensão do histórico e do linguístico, podemos tomá-la como condição de interpretação do presente e reinterpretação do passado; podemos entendê-la, inclusive, como elemento organizador dos discursos, sendo, portanto, uma *memória discursiva* (interdiscurso) que, atravessando o discurso dos sujeitos, agencia e sustenta o sentido de sua identidade, sentido cuja materialização está no seu fio do dizer (intradiscurso).

3. Sobre a estrangeiridade

A palavra *estrangeiro* não remete apenas às coisas que são de fora do país ou à língua do indivíduo que habita em outro país, em uma região longínqua. Acreditamos que esta visão seja apenas um primeiro modo de se pensar o estrangeiro e que se caracteriza como uma atitude herdada do senso comum.

Para que possamos ultrapassar essa primeira impressão e fazermos uma reflexão a respeito da *estrangeiridade*, trazemos alguns apontamentos do texto *O estranho*, de Sigmund Freud (1919), e outras contribuições acerca da mesma temática como *O Estrangeiro* (KOLTAI, 1998) e *Estrangeiros para nós mesmos* (KRISTEVA, 1988). Assim, passemos ao estudo desses textos.

A famosa e antiga inscrição no Templo de Delfos “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”, a partir da qual Sócrates, filósofo da Grécia clássica, constrói sua maneira de pensar, parece estar sempre nos fazendo sombra no sentido de que, apoiados nessa máxima, devemos tomar *consciência* da nossa própria ignorância. Não poderia ser diferente, posto que o pensamento ocidental logocêntrico encontra aí o seu germe; como é o caso, por exemplo, da ciência moderna (e por que não dizer atual?) que se ancora no *cogito cartesiano*. Diante disso, dificilmente, um sujeito, em sua plena *consciência*, centrado e uno, admitiria a ideia de que há algo que é enigmático e *estranho a e em si mesmo*.

No campo da Psicanálise e nos trabalhos sobre a descoberta do inconsciente, quem nos leva a pensar acerca dessa temática é Freud no seu texto *O estranho* (1919), no qual procura mostrar que aquilo que é estranho e assustador é algo que conduz ao que é conhecido e familiar. Refletindo sobre essa ideia freudiana, Koltai argumenta que “o conceito de ‘estrangeiro’, em psicanálise, coincide com o retorno do recalcado, mas também confunde com o outro, aquele que não é eu, mas, não obstante, habita em mim” (1998, p. 06).

Dizendo de outra maneira, há, nessa perspectiva, uma incidência dos contrários: do familiar e do estranho no próprio sujeito e que deixa rastros, nuances de estranhezas no seu dizer que não poderiam se insinuar na linguagem se não fizessem parte do corpo daquele que enuncia. Nesse sentido, Freud observa que,

se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que *retorna*. [...] Essa referência ao fator da repressão

permite-nos, ademais, compreender [o] estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz (FREUD, 1919, p. 15).

No entanto, o que nos é assustador, aquilo que não faz parte do que é familiar, do que não é da *nossa casa*, deve ser destruído porque também é ameaçador e não oferece segurança. Desse modo, há muitos elementos que podem ser responsáveis pelo “sentimento de estranheza” ou ao que foge do familiar que, inclusive, justificam a anulação do outro, do corpo estranho, como o genocídio, a língua-cultura do outro, a exclusão social do outro, o preconceito de modo geral, etc. É nesse mesmo sentido que podemos afirmar com Arbex Jr. (1998, p. 17): “No Brasil da elite branca, estrangeiro é o ‘negro’, o ‘nordestino’, o ‘baiano”.

Kristeva (1988), em seu livro *Estrangeiros para nós mesmos*, também nos apresenta outro texto que vai ao encontro da ideia a que nos propusemos acima, isto é, a de ir além do entendimento comum sobre o que seja *estrangeiro*. A autora observa que Freud, em seu texto *Unheimliche*, não trata do estrangeiro, como ela o faz, mas que “ele nos ensina a detectar a estranheza que há em nós” (KRISTEVA, 1998, p. 201). Nessa reflexão, a autora, discorrendo acerca do estrangeiro, do imigrante, aponta que se “O estranho está em mim, portanto, somos todos estrangeiros. Se sou estrangeiro, não existem estrangeiros” (KRISTEVA, 1998, p. 202). Julgamos que esse apontamento da autora nos convida a avançar nossa reflexão abordando questões relacionada à hospitalidade.

4. A hospitalidade

Em um primeiro momento, a hospitalidade está relacionada à ideia de recepção, de acolhida a quem chega a um lugar. Entretanto, ao focalizarmos tal concepção a partir da ótica de J. Derrida (1996, 2001), vemos se engendrar uma problematização que começa pela própria estrutura da palavra: a hospitalidade comporta uma disseminação de sentidos que vai além do que é posto como simples acolhida. Esse pensador nos apresenta outras reflexões sobre a experiência da hospitalidade. Com ele, podemos pensá-la como incondicional ou hiperbólica e como hospitalidade condicional.

A hospitalidade incondicional é aquela em que há acolhimento a quem chega; ela diz *sim, ao estrangeiro*, de modo irrestrito, sem, ao menos, lhe pedir uma identificação. Derrida a chama de *hospitalidade de visitaçào*. De acordo com ele,

A hospitalidade pura consiste em acolher aquele que chega antes de impor-lhe condições, antes de saber e indagar o que quer que seja, ainda que seja um nome ou um “documento” de identidade [...] A hospitalidade consiste em fazer tudo para se dirigir ao outro, até mesmo perguntar seu nome, evitando que essa pergunta se torne uma “condição” um inquérito policial, um fichamento ou um simples controle das fronteiras (DERRIDA, 2001, p. 250).

Por outro lado, a hospitalidade condicional diz respeito ao acolhimento de acordo com as normas, as leis e/ou acordos políticos e está relacionada ao que comumente se entende por hospitalidade. De acordo com Bernardo (2005), Derrida a tem como *hospitalidade de convite*, já que o hospedeiro “[...] acolhe um tal ou uma tal sob condição [...] convida e acolhe seletiva ou limitadamente a um ou uma tal, e não a tal outro ou outra, durante um determinado período de tempo e dentro de determinadas condições [...]” (BERNARDO, 2005, p. 196).

Entretanto, não devemos pensar que esses dois termos são dicotômicos ou polarizados; justamente porque sua raiz carrega os sentidos de *hospes* e de *hostis*, enquanto “[...] cadeia semântica que trabalha no corpo a *hospitalidade* tanto quanto a *hostilidade* [...]” (DERRIDA, 1996, p. 27. [grifos nossos]). Seguindo a desconstrução derridiana, dizemos que os dois sentidos reclamam um ao outro. A partir de um entre-lugar ou dessa dupla lei da hospitalidade (*hos-ti-pitalidade*), pode-se calcular os riscos de uma hospitalidade incondicional, bem como melhorar as condições das leis da hospitalidade.

5. Representações sobre migrantes na mídia mato-grossense

Vejamos como as discussões feitas acima podem funcionar em dois textos que tratam de migrantes no Estado de Mato Grosso. O texto “Crescimento de 7,76% ao ano é um dos maiores do país” data de 08 de abril de 1975, publicado no Diário de Cuiabá, época em que o Estado, a partir da abertura para uma nova colonização com a *Marcha para o Oeste* (1930), passou a receber um enorme contingente de migrantes provenientes de vários lugares do país. O jornal dá destaque aos sulistas: “Em sua maioria, são pessoas provindas do sul do país, em especial do Paraná. Mas também há um grande número de paulistas, nordestinos, mineiros... Muitos apenas passam por Cuiabá e vão **desbravar** o norte de Mato Grosso e a região Amazônica” (MORAIS, 2001a).

O texto chama a atenção para o crescimento demográfico da capital Cuiabá, cuja maioria populacional na época comportava quase dois terços de migrantes: “Para se ter uma ideia do que isso representa em sua história, basta verificar que, há quinze anos, em 1960, a

população da cidade não passava dos 58 mil habitantes. E hoje, já bate a casa dos 150 mil” (MORAIS, 2001a).

Aos poucos, o texto jornalístico vai construindo representações de migrantes: *são pessoas majoritariamente provenientes do sul e vão desbravar o norte do estado e a região amazônica*. Entendemos que, nesses excertos, há o funcionamento de uma memória que tem sua matriz de sentidos na colonização portuguesa no Brasil, cuja história já nos é bem conhecida. A relação se faz considerando que o sul do Brasil recebeu uma leva de *migrantes europeus* no início do século XIX, sobretudo alemães e italianos. É importante observarmos que o próprio jornal representa o migrante sulista como bandeirante, já que o termo *desbravar* carrega uma memória com a atuação dos bandeirantes (figura arquetípica do colonizador no Brasil) e, por sua vez, têm ações características da antiga colonização, a ibérica.

Os bandeirantes foram os grandes desbravadores; em busca de ouro, eles iam colonizando, desbravando e fundando arraiais. Cuiabá, por exemplo, foi fundada pelo bandeirante Pascoal Moreira Cabral, ato informado pelo jornal Diário de Cuiabá em 09 de abril de 1719:

Ainda ontem, em São Gonçalo Velho, pouco abaixo da foz do rio Coxipó de Cuiabá, o bandeirante determinou que se lavrasse um “Termo de Certidão”, com o qual visa assegurar os seus direitos de descobridor e, principalmente, de explorador das minas de ouro encontradas na região por seus homens. Ao território dentro do qual se diz agora “Capitão-Mor”, Pascoal Moreira Cabral deu o nome fundador de “Arraial de Cuiabá” (MORAIS, 2001b).

Outro texto jornalístico que também diz respeito a migrantes foi publicado no site da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado de Mato Grosso, no qual apresenta o ex-governador do Estado: “Quem é o governador Blairo Maggi”. Por ser migrante, o ex-governador é, primeiramente, visto como um estrangeiro e precisa ter uma imagem de credibilidade para, a partir daí, firmar-se em um cargo político em outras terras, em outra *casa*, portanto. Assim, vejamos com tal imagem é construída:

O governador do Estado de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, nasceu no dia 29 de maio de 1956 em São Miguel do Iguçu, Estado do Paraná. Filho dos *pioneiros* André Antônio Maggi e Lúcia Borges Maggi, é casado com dona Terezinha Maggi e tem três filhos. Formado em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná, na *década de 1970* chegou a Mato Grosso, acompanhando os pais, pequenos produtores que decidiram investir no potencial agrícola do *Cerrado brasileiro, até então uma região inóspita e pouco ocupada*.

¹ (grifos nossos).

Dando visibilidade à identidade do governador, a mídia a constrói narrando sua história de vida, cujo efeito é produzido pela própria linguagem midiática. Chama-nos a atenção, nesse excerto, o fato de que o enunciador jornalístico procura tornar um estrangeiro (um estranho) em familiar relacionando sua biografia com própria história de ocupação e colonização de Mato Grosso. Foi na década de 1970, antes da divisão do Estado, que houve um maior fluxo de migrantes, conforme atesta o primeiro texto jornalístico apresentado acima; daí a importância de se fazer relação ao momento histórico da migração, colocando Blairo Maggi como *filho de pioneiros*, sendo, portanto, uma pessoa digna de confiança e de hospitalidade, pois os pais, que aqui chegaram na década de 1970, também fazem parte da construção da história do Estado, já que *decidiram investir no potencial agrícola do Cerrado brasileiro*.

Outra questão importante que destacamos no excerto acima é que, à época da migração, década de 1970, o cerrado brasileiro é tido como região *inóspita e pouco ocupada*. Essa visão está atrelada ao imaginário que ainda se tem do Estado de Mato Grosso no qual encontramos ecos da memória da colonização ainda com os portugueses. A própria denominação do Estado, *mato grosso*, e aí não se excluem os seus habitantes, carrega uma ideia que tem efeitos de hostilidade, de estranho que deve ser *desbravado*, domado, ocupado e/ou extinto, inclusive: *sentimento de estranheza*? Tal foi a tarefa dos descobridores, dos bandeirantes e, conseqüentemente, daqueles que se identificam com eles: os migrantes sulistas, dos quais Blairo Maggi é parte.

Esse texto também dialoga, via memória discursiva, com a divisão do Estado em 11 de outubro de 1977, pois, após esse corte geográfico e de acordo com o pensamento de seus dirigentes na época, o Estado não poderia mais ser visto como território *vazio e improdutivo*. Assim, junto às políticas nacionais para incentivar o desenvolvimento da região, MT passa a contar com numerosos *programas oficiais* de colonização como o INCRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) e SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), com as *colonizadoras particulares* “capazes de atrair o médio e o grande capital e promover a disseminação e propaganda do projeto colonizador” (SIQUEIRA, 2002, p. 236). O diálogo está justamente no seguinte trecho:

¹ www.secom.mt.gov.br

Em 1973 a família fundou no Paraná a empresa Sementes Maggi, de produção de soja, cultura que começava a avançar pelo Cerrado brasileiro. O negócio prosperou, dando origem ao atual Grupo Amaggi, maior produtor de soja do país [...] Blairo assumiu a administração do Grupo Amaggi e, na condição de maior plantador de soja do mundo, ganhou projeção no mundo dos negócios e na política.²

Voltemos ao texto “Crescimento de 7,76% ao ano é um dos maiores do país”, que também trata da migração no Mato Grosso, particularmente na capital do Estado. Consideremos o seguinte excerto:

A cidade é *hospitaleira*? Não há quem não confirme. Mas o que tem acontecido é que, por maior que seja a boa vontade do *dono da casa*, o número de *hóspedes* é tal que pelo menos alguém terá que ir *dormir na casa do cachorro*. [...] E *pior*: a cada dia vão chegando mais hóspedes (MORAIS, 2001a [grifos nossos]).

Aqui, podemos visualizar a forma como o texto jornalístico deixa resvalar os sentidos que o enunciador constrói a respeito dos *chegantes*. Os efeitos de sentidos estão no entre-lugar da lei da hospitalidade, conforme apontamos com Derrida. O dono da casa, o cuiabano, é prontamente aquele que tem boa vontade em acolher, em dizer “*sim, ao estrangeiro*”, ao migrante; vontade apontada pelo superlativo *maior*, cujos efeitos de sentidos o enunciador deixa ser corroborado pelo leitor (podendo este ser um nativo ou um migrante) no fio do dizer *A cidade é hospitaleira? Não há quem não confirme*.

No entanto, devido à quantidade de migrantes (*o número de hóspedes é tal que*), essa grande hospitalidade mostra o seu lado hostil, como vemos no intradiscurso: *alguém terá de ir dormir na casa do cachorro*. Apesar de o enunciador fazer uso do pronome indefinido *alguém*, o sentido aí produzido não indica que é o hospedeiro quem irá fazer companhia aos caninos. Na sequência textual *E pior: a cada dia vão chegando mais hóspedes*, vemos uma intensificação (*pior*) da hostilidade que o texto justifica pela falta de preparo da cidade. Como podemos notar, o que prevalece no texto é o que Derrida chamou de hospitalidade condicional, já que ela é feita a partir de determinadas condições, no caso, o despreparo da cidade bem como a hostilidade do hóspede.

² www.secom.mt.gov.br

6. Considerações finais

Procuramos desenvolver o tema da migração no Estado de Mato Grosso a partir de dois olhares teóricos: a questão da estrangeiridade e a hospitalidade derridiana, relacionando-os com o conceito de memória discursiva. Pudemos problematizar e entender um pouco como a mídia mato-grossense constrói a representação de migrantes no Estado. Como percebemos nos textos que analisamos, diferentemente de outros migrantes, tais como o nordestino e o mineiro, o sulista, acostumado a manejar a terra com suas pequenas produções no Estado de origem, migra para o Mato Grosso na condição de proprietário. Essa é uma diferença fundamental para a compreensão da história do processo migratório no Estado.

Podemos dizer, a partir da análise dos textos midiáticos, que eles se confluem quanto à estrangeiridade, ou seja, os migrantes são tidos como estrangeiros, embora sejam todos brasileiros. Vimos que a mídia jornalística, em relação ao migrante sulista, produz um discurso em torno do desenvolvimento econômico. Assim, os sentidos aí produzidos giram em torno de uma memória atravessada pelo discurso da colonização e civilização europeias e pelos sentidos de identificação dos migrantes com os bandeirantes, com os desbravadores. Nesses textos, também vimos que a hospitalidade em Mato Grosso caminha para o entre-lugar da *hos-ti-pitalidade*, termo pelo qual Derrida expressa os sentimentos tanto de acolhida quanto de hostilidade aos estrangeiros, aos migrantes, portanto.

Referências

ARBEX JR., J. A construção do estrangeiro pela mídia. In: KOLTAI, Caterina (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.

BERNARDO, F. Mal de hospitalidade. In: NASCIMENTO, Evando (org.). **Jacques Derrida: Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro**. (1996). Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

_____. **Papel Máquina**. (2001). Trad. de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FREUD, S. **O estranho**. Disponível em <http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>. Acesso em 03 de maio de 2010.

KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.

KRISTEVA, J. [1988]. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MORAIS, O. **Crescimento de 7,76% é um dos maiores do país** (de 08 de abril de 1975, republicado em 08 de abril de 2001). Disponível em www.diariodecuiaba.com.br. Acesso em 18 de fevereiro de 2008.

_____. **Bandeirante lavra certidão fundando Arraial de Cuiabá** (de 09 de abril de 1719, republicado em 08 de abril de 2001). Disponível em www.diariodecuiaba.com.br. Acesso em 18 de fevereiro de 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

Quem é o governador Blairo Maggi. Disponível em www.secom.mt.gov.br. Acessado em 01 de fevereiro de 2008.

SIQUEIRA, E. M. **História do Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

Anexos

IMIGRAÇÃO

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Crescimento de 7,76% ao ano é um dos maiores do país

ORLANDO MORAIS

Da Reportagem

Cuiabá, 8 de abril de 1975 – Cuiabá completa hoje 256 anos e bem poderia acontecer que, após as merecidas festas, a cidade começasse a se perguntar: o que é que vamos fazer com tanta gente? Nesta década, o índice médio de crescimento da população tem sido, de acordo com o IBGE, de 7,76% ao ano. Trata-se de um dos maiores índices entre as cidades brasileiras e um recorde para a própria Cuiabá. Para se ter uma ideia do que isso representa em sua história, basta verificar que, há quinze anos, em 1960, a população da cidade não passava dos 58 mil habitantes. E hoje, já bate na casa dos 150 mil.

São quase três vezes mais pessoas convivendo em uma cidade que, há décadas, não obtinha índices de crescimento populacional superiores a 0,33%. Isso significa também que, hoje, quase dois terços da população são de imigrantes. A cidade é hospitaleira? Não há quem não confirme. Mas o que tem acontecido é que, por maior que seja a boa vontade do dono da casa, o número de hóspedes é tal que pelo menos alguém terá que ir dormir na casa do cachorro. Em outras palavras: a cidade não estava e nem está preparada, sob nenhum aspecto, para absorver a enorme onda de imigração que teve início a partir da construção de Brasília. E pior: a cada dia

vão chegando mais hóspedes.

Em sua maioria, são pessoas providas do sul do país, em especial do Paraná. Mas também há um grande número de paulistas, nordestinos, mineiros... Muitos apenas passam por Cuiabá e vão desbravar o Norte de Mato Grosso e a região Amazônica. Por lá, levantam acampamento, reúnem-se em vilas, fundam novos municípios. Recebem todo o apoio dos que ficaram em Cuiabá. É na capital do Estado que estão os bancos, as escolas, os hospitais, os hotéis, os escritórios das empresas de colonização, as lojas de roupa, comida e autopeças, enfim, os serviços em geral.

Todos esses serviços, entretanto, ainda são muito precários. Sobretudo os de natureza pública. Faltam água, luz, moradia, escola, estrada e saneamento. A Prefeitura diz ser inadmissíveis taxas tão altas de crescimento para uma cidade histórica, nascida no século 18. O governo do Estado, por sua vez, está terminando a construção da cohab Morada da Serra, ou CPA, com capacidade para 60 mil pessoas, já prevendo um crescimento ainda maior da população, e mesmo sob as críticas dos que dizem que nem no ano 2000 o CPA chegará a ter 60 mil habitantes.

DE SITIANTE A FAZENDEIRO - O paranaense Antônio Linhares da Silva, de 31 anos, é o típico imigrante destes tempos. Ele tinha um pequeno sítio numa cidadezinha do norte do Paraná, onde plantava milho e café. Sua vida era a mesma há anos e ele só ouviu falar de Mato Grosso na propaganda de uma empresa de colonização. “Não acreditei na hora que ouvi o preço das terras daqui”, diz ele. “Se eu vendesse o meu pequeno lote no Paraná, poderia comprar uma área dez vezes maior no Mato Grosso e ainda sobrava dinheiro para investir”. E é exatamente isso o que ele está fazendo agora.

Por enquanto, Antônio está vivendo, com a mulher e um casal de filhos, na casa alugada por seu cunhado, que por sua vez já havia saído do Paraná há três anos. Antônio não sabe ainda se vai levar os filhos, que estão em idade escolar, para sua nova fazenda. “Não estou encontrando vaga para eles na escola”, afirma. “Mas se não conseguir, paciência, eles só vão estudar no ano que vem. Melhor para mim, que ganho uma ajuda extra na lida com o gado. Dizem que as terras daqui são boas é para criar gado”.

Segunda, 01 de janeiro de 2007, 16h00 | Tamanho do texto: A- A+

Perfil do Governador

QUEM É O GOVERNADOR BLAIRO MAGGI

Edson Rodrigues/Secom-MT

Governador Blairo Maggi, 53 anos, nasceu no Paraná

O governador do Estado de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, nasceu no dia 29 de maio de 1956 em São Miguel do Iguazu, Estado do Paraná. Filho dos pioneiros André Antônio Maggi e Lúcia Borges

Maggi, é casado com dona Terezinha Maggi e tem três filhos. Formado em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná, na década de 1980 chegou a Mato Grosso, acompanhando os pais, pequenos produtores que decidiram investir no potencial agrícola do Cerrado brasileiro, até então uma região inóspita e pouco ocupada.

Em 1973 a família fundou no Paraná a empresa Sementes Maggi, de produção de sementes de soja, cultura que começava a avançar pelo Cerrado brasileiro. O negócio prosperou, dando origem ao atual Grupo André Maggi, maior produtor e exportador de soja do País, com atuação em diversas atividades econômicas, incluindo logística de transportes, pecuária e produção de energia elétrica. Tendo herdado a vocação empresarial do pai, Blairo Maggi assumiu a administração do Grupo André Maggi e, na condição de maior plantador de soja do mundo, ganhou projeção no mundo dos negócios e na política.

Tornou-se, então, candidato a Governador de Mato Grosso, em 2002, por uma ampla coligação de partidos, tendo sido eleito no primeiro turno da eleição, com 51% dos votos. No comando do Governo de Mato Grosso, Blairo Maggi colocou em prática uma nova filosofia de gestão pública, inspirada na sua experiência na iniciativa privada, na qual se destacam a transparência na aplicação dos recursos públicos, a busca constante da eficiência e a realização de obras e ações de grande alcance social.

Reeleito em 1º de outubro de 2006 com 65,39% dos votos, o governador estabeleceu como prioridades para o novo mandato a educação, saúde, meio ambiente, investimentos em infraestrutura para promover o desenvolvimento e projetos de inclusão social, como qualificação profissional, incentivos a pequenos empreendedores e programas de geração de emprego e renda.

Domínios de Linguagem



DIÁRIO DE CUIABÁ CAPA

Segunda, 18 de fevereiro de 2008 Edição nº 9916 08/04/2001

FUNDAÇÃO

Anterior | Índice | Próxima

Bandeirante lavra certidão fundando Arraial de Cuiabá

Pascoal Moreira Cabral Leme é, desde ontem, o detentor dos direitos de exploração das minas de ouro

ORLANDO MORAIS
Da Reportagem

MOACYR FREITAS



A região agora chamada Arraial de Cuiabá é, desde os tempos remotos, povoadas pelos invencíveis índios Bororos

O Termo — que foi escrito por outra alheia mão, posto que Pascoal Moreira Cabral, apesar de exímio caçador de índios e conhecedor de ouro experiente, não lê ou escreve palavra —, foi despachado ontem mesmo para o Conde de Assumar e Capitão General Governador da Capitania de São Paulo, D. Pedro de Almeida Portugal. O encarregado de levar o Termo é o Capitão Antônio Antunes Maciel, que ainda leva consigo boas amostras do ouro encontrado.

O que os bandeirantes esperam é que da Vila de São Paulo, sede da Capitania desde 1711, sejam enviadas tropas regulares, tanto para lhes ajudar na cata do ouro, quanto para lhes proteger dos índios, já que estes não se conformam com a presença de gente estranha em suas terras. De acordo com Pascoal Moreira Cabral, sua bandeira está a correr grandes riscos na região. "Em serviço de sua Real Majestade, já perdemos até agora oito homens brancos, fora negros", disse ele.

De fato, não é de boa memória para o bandeirante o combate que travou contra os invencíveis guerreiros Bororo, assim que chegou às margens do rio Coxipó. Pascoal Moreira Cabral só não voltou fugido para o Planalto do Piratininga porque encontrou, no caminho, Antônio Pires de Campos, chefe de outra e melhor-sucedida bandeira. No ano passado, depois de intensa luta contra uma tribo ainda não identificada, na confluência entre o Coxipó e o Cuiabá, Antônio Pires de Campos conseguiu capturar dezenas de índios para trabalhar como escravos nas lavouras do litoral. Pires de Campos mostrou o caminho a Moreira Cabral que, se não deu sorte na captura de índios, ao menos encontrou o metal tão apreciado mundo afora.

Curiosamente, o local onde os rios Coxipó e Cuiabá se encontram já

Cidades

Últimas Notícias

Edição de Hoje

Primeira Página

Política

Economia

Cidades

Polícia

Esportes

Brasil

Mundo

DC Ilustrado

Colunistas

Cuiabá Urgente

Editoriais

Artigos

E-Mail

Índice

Classificados

Edições Anteriores

Últimas

17:54 Comissão de Direitos Humanos da AL também discute terceirização

17:43 Projeto de terceirização de Mata Grande será debatido

17:22 Inscrições para Encontro de Comunicação Social começam amanhã

16:44 Parque Mãe Bonifácia terá lago de 7 hectares

16:28 Cantor Italiano se apresenta em Cuiabá



Anúncios Google

16:11 Saga da família de agricultor está sendo contada no Planeta Xuxa

15:40 Definição de nomes no PMDB deve sair em setembro

15:30 Diretor da ANA se reúne com Dante

15:02 Derf registrou 55 ocorrências só no sábado

14:48 Espetáculo "Cuiabá dos Meus Sonhos" será apresentado hoje

A Charge do Dia



Indicadores

Poupança 0,6719%

TR/Abr 0,1546%

TBF/Abr 1,1662%

Dólar Comercial*

C-R\$ 2,1650 V-R\$ 2,1670

Dólar Paralelo*

Artigo recebido em: 15.05.2014

Artigo aprovado em: 28.08.2014